

Transcrição – Vídeo INRC Candomblé

Narrador:

Quando se fala em referências na preservação do Candomblé no Rio de Janeiro como Patrimônio Cultural, não podemos deixar de lado os espaços usados pelas comunidades do culto desde a chegada dos negros africanos ao Rio de Janeiro. O Cais do Valongo, porta de entrada de milhares de negros vindos da África, de meados do século XVIII até o início do século XIX, é o primeiro deles.

Giovanni Harvey – Diretor da Incubadora Afro-brasileira

A África é um continente com uma imensa diversidade. Com uma riqueza em vários níveis da cultura e da tecnologia, e das práticas religiosas. Então, toda essa riqueza desembarcou aqui. Seguramente desembarcaram aqui mais de 500.000 (quinhentos mil) africanos escravizados. Os estudos e achados arqueológicos realizados aqui durante as escavações da etapa anterior do Projeto Porto Maravilha, demonstraram a riqueza dos símbolos que foram encontrados aqui e o impacto que esses símbolos e objetos de uso mágico e religioso tiveram para os profissionais, religiosos, estudiosos que tiveram contato com esse acervo. Então, todas essas evidências dão a dimensão da importância do Cais do Valongo para a prática do Candomblé assim como as demais religiões de matrizes africanas.

Narrador:

Outro local de referência usado pelas comunidades do Candomblé nos séculos XVIII e XIX é a Pedra do Sal, também na Zona Portuária. Foi mercado de escravos, local onde se desembarcavam mercadorias trazidas do porto pelos negros estivadores, e também local de moradia de muitos deles.

Mãe Celina de Xangô:

Vieram os Cambindas, vieram os de Luanda, vieram os Bantos em si, os Iorubanos vieram muito para cá. Eles se escondiam aqui na Pedra do Sal, no Morro da Conceição para poder fazer os seus ritos, importante para nós todos. Onde a gente cultua a nossa religiosidade, a energia de Xangô reina aqui. A Pedra representa *e/le* no Candomblé e outra coisa é o caminho que nossos ancestrais percorreram para gente chegar aqui hoje, estar aqui hoje falando sobre essa Pedra maravilhosa.

Narrador:

A Pedra do Sal também era ponto de encontro dos negros depois do trabalho, sendo considerada ponto de referência da cultura negra e do samba.

Mãe Celina de Xangô:

Sem o batuque não tem o samba, e quem trouxe o batuque foram os nossos ancestrais. Foi através do batuque, do tambor, do som do tambor que surgiu o samba.

Narrador:

Vindo de vários pontos da África, os negros que aqui chegavam eram reprimidos em seus cultos e suas crenças para *Giovanni Harvey*, isso resultou em um sincretismo religioso.

Giovanni Harvey – Diretor da Incubadora Afro-brasileira

Em função de toda repressão que existia a prática religiosa originária da África, houve um sincretismo e a necessária adaptação para que essas práticas religiosas pudessem ser entre aspas, “toleradas”, e pudessem sobreviver dando origem a manifestações religiosas que em alguns aspectos formais distingue-se das manifestações originariamente praticadas na África. É importante salientar, como costuma dizer, *Rubens Confete* que é um estudioso da cultura e da religião de matrizes africanas, o africano não distingue religião como uma caixinha dentro dos vários valores que ele tem. A religião está na raiz da identidade do africano.

Narrador:

Já no século XX, os adeptos do Candomblé encontraram no Mercado de Madureira na zona Norte do Rio de Janeiro, outro local de referência e memória de cultos afros brasileiros.

Guaracy Coutinho – Comerciante

No Mercado são 600 (seiscentas) e poucas lojas, e nós somos umas 40 (quarenta). As pessoas se encontram no Mercado, é um ponto de encontro do povo de Umbanda e Candomblé. Quando o pessoal vem aqui encontra os amigos, e é orgulho para a religião, o Mercado, e eu fico muito feliz com isso. Vem muita gente de fora, nós

recebemos turistas, inclusive recebi um turista argentino aqui, outro dia veio um europeu, perguntam bastante. O povo de Candomblé e Umbanda normalmente eles já conhecem o que vem buscar, então o debate é mais técnico vamos dizer assim.

Elizabeth Noronha Borges – Comerciante

Tem outros que vem procurando conselhos, a gente ajuda, a gente diz o que fazer procurar Casas de Santo, onde vão. Então Eles vão e começam a ver o que é a religião, que é uma coisa séria, não é uma brincadeira. Muita gente leva na brincadeira, mas isso não é brincadeira, são forças, são energias, são coisas sérias. Então, as pessoas levam a sério, eles vêm e encontram seriedade; coisas de Babalao, coisas de Pai de Santo, já não é da minha ossada, posso dizer conheço fulano, ciclano, beltrano, você pode ir, mas não ensinar como fazer, porque não é da minha ossada. Eu digo como eles acharem o produto e digo aonde eles vão como achar um pai de santo bom para que eles possam orientar.

Hélio Sillman da Cunha - Comerciante

Umbanda e Candomblé tem uma ligação muito forte com a natureza e a natureza são as plantas. E aqui tem uma grande concentração de ervas, também medicinais, todo tipo de erva, tudo de mato. As lojas de Umbanda às vezes pareciam uma caverna, até meio escuro para que a pessoa que entrasse, quando saísse ninguém... E, está lá fulano de tal está lá dentro. Hoje não, você pode ver aqui que é bem claro, bem aberto, bem ventilado, então quer dizer que a pessoa entra aqui e já entra com tranquilidade, que há muito tempo atrás não entrava. Ela entrava meio, me deixa ver se tem algum parente meu aqui.

Eu vejo muitas vezes as pessoas falarem da macumba, fica uma coisa pesada. Mas, não muda, passa a página a Umbanda e o Candomblé ela trabalha no seu próprio bem, vou estar preparando meu espírito para te receber, então é uma troca.

Narrador:

Em uma volta pelo Mercado encontramos os mais variados artigos para a prática do Candomblé, velas, cerâmicas, guias, pulseiras, imagens, roupas e ervas. É do Mercado de Madureira também que sai a carreata de em homenagem a Iemanjá no final de ano que já virou tradição na cidade do Rio de Janeiro.

Guaracy Coutinho – Comerciante

Ao longo do mês de dezembro, nós deixamos barcos iguais aqueles, mas de 01 (um) metro de tamanho na entrada das lojas. E no mês de dezembro, o povo vai ali e bota um pedido, um agradecimento ou oferenda para Iemanjá. No dia 29 de dezembro, nós pegamos esses 20 e poucos barcos, botamos em cima do caminhão com a imagem de Iemanjá de 02 metros de altura e levamos para praia em carreta com 20 ônibus, diversos carros de passeios e lá em Copacabana montamos uma tenda de 2.000 (dois mil) m² e com arquibancadas dentro. A Iemanjá entra ali, os barquinhos são colocados no chão e cantamos para Iemanjá. Depois os pescadores pegam os barcos e levam lá para o fundo do mar para entregar para Iemanjá. Então, é uma festa muito linda ajudou muito a fortalecer essa relação do povo de Umbanda, de Candomblé com o Mercado e vice e versa.

Hélio Sillman da Cunha - Comerciante

Os estrangeiros têm uma curiosidade muito grande por que vê, eles estão vendo aquele movimento, toda aquela movimentação de Babalorixás, Ialorixás cores, cada um com as suas cores, isso atrai muito a atenção de todos eles. Passou a ser cultural, isso já faz parte do movimento cultural do Rio de Janeiro.

Giovanni Harvey – Diretor da Incubadora Afro-brasileira

Esta manifestação de salvaguarda do Iphan, ela é fundamental. Então, o registro dessas práticas, o tombamento do Ofício de Baianas de Acarajé, o conjunto de ações que o Iphan vem fazendo eles são fundamentais para que nós possamos não apenas preservar, mas reconhecer, valorizar, projetar e perpetuar práticas religiosas, práticas culturais, práticas sociais sem as quais nós vamos perder a nossa identidade, que é um elemento fundamental para que nós possamos ter um projeto de País com valores que foram construídos pelo povo brasileiro.